



TEXTOS PROFESSORES

1ª CENA

A BATALHA DE ALJUBARROTA

14 de Agosto de 1385 – Campo de São Jorge

7 000 Portugueses contra 30 000 Castelhanos

A batalha de Aljubarrota, que os portugueses vencem com a ajuda de arqueiros ingleses, vem acabar com a instabilidade política e económica, abrindo caminho para uma nova dinastia, para um Tratado de amizade, ainda hoje válido, e para um casamento. É o início de uma nova Era.

O CASAMENTO REAL

Em toda a Europa, o século XIV é um período de fomes, guerras, pestes e revoluções. Em Portugal não é diferente e, a partir de 1383 uma situação política instável leva a várias batalhas entre Portugal e Castela. A última em 14 de Agosto de 1385, Aljubarrota, é ganha pelos portugueses com a ajuda de arqueiros ingleses. Um ano depois é assinado um tratado entre Portugal e Inglaterra, sendo o tratado de amizade mais antigo entre duas nações em todo o mundo – o Tratado de Windsor. Para honrar este tratado celebra-se o casamento do novo rei de Portugal, **D. João I** com a princesa inglesa **Filipa de Lencastre**, neta do rei de Inglaterra, filha do todo-poderoso Duque de Lencastre, João de Gante. Este casamento é celebrado pelo **Bispo do Porto**, na Sé dessa cidade, em 2 de Fevereiro de 1387. Um casamento político que marca o início de uma nova e próspera época.

D. JOÃO I

Nasce em Lisboa (Portugal) em 1357 e morre em Lisboa (Portugal) em 1433. É o 10º rei de Portugal, primeiro da Dinastia de Avis, cognominado “O de Boa Memória”. Filho ilegítimo de D. Pedro I, aclamado rei na sequência da Crise de 1383–85. Assina a Aliança Luso-Inglesa casando com Filipa de Lencastre. Em 1415 conquista Ceuta, iniciando a Expansão Portuguesa.

FILIPA DE LENCASTRE

Nasce em Lincolnshire (Inglaterra) em 1360 e morre em Lisboa (Portugal) em 1415. Filha de João de Gante e de Branca de Lencastre. Rainha de Portugal pelo casamento com D. João I. Deste casamento nascem 8 descendentes, os dois primeiros morrem crianças, os outros seis tornam-se a “Ínclita Geração”.

2ª CENA

O INÍCIO DOS DESCOBRIMENTOS PORTUGUESES

Os filhos de D. João I e D. Filipa de Lencastre, conhecidos como a Ínclita Geração, ocupam um lugar de destaque na História de Portugal. O mais conhecido é o **Infante D. Henrique**, também chamado “O Navegador”. Nasce no Porto, em 1394 e morre 66 anos depois em Sagres. Duque de Viseu, Governador da Ordem de Cristo, entre outros títulos, o Infante é também Senhor de Lagos, cidade onde esteve várias vezes e de onde prepara expedições ao, até aí desconhecido, Oceano Atlântico. Da baía de Lagos, partem barcas e caravelas navegando os mares, descobrindo novas terras, novas rotas, novos produtos, desenvolvendo o comércio e novas técnicas de navegação, iniciando-se assim uma verdadeira globalização. O Infante D. Henrique é o homem que está na origem de uma época que vai mudar a História da Humanidade.

INFANTE D. HENRIQUE

Nasce no Porto (Portugal) em 1394 e morre em Sagres (Portugal) em 1460. Filho de D. João I e de Filipa de Lencastre, 1º Duque de Viseu, cognominado “O Navegador”. Participa na conquista de Ceuta em 1415. É desde 1420 Governador da Ordem de Cristo. É a mais importante figura do início da Era das Descobertas. Os seus navegadores descobrem as ilhas atlânticas e a costa africana até à Serra Leoa.

SAGRES – O FIM DO MUNDO

Gregos, romanos e árabes acreditam que nas falésias de Sagres acaba o mundo conhecido. Quando o Infante D. Henrique decide construir uma zona de apoio às navegações na ponta de Sagres, esta inclui uma casa principal, casas mais pequenas, uma igreja, um cemitério (é dever cristão sepultar os corpos que dão à costa), uma muralha de protecção e um porto de apoio à navegação. Na verdade, dois portos, um de cada lado do cabo de Sagres, sendo utilizado o que ofereça melhores condições de utilização. Devido à situação geográfica, Sagres torna-se o lugar ideal para melhor entender ventos, marés, correntes e estrelas e estes elementos são usados no planeamento de novas expedições. Há uma escola? Dificilmente, pelo menos na forma como hoje a definimos. Provavelmente um centro de reunião de gente interessada nas viagens do século XV. A sua localização ajuda a criar o mito do fim do mundo antigo, começo do mundo moderno. Lugar emblemático da História, fica mais perto da eternidade por ser o local da morte de um dos maiores do nosso país, o Infante D. Henrique, intitulado: *O Navegador*.

AS RAZÕES QUE LEVARAM AOS DESCOBRIMENTOS PORTUGUESES

Depois de assinados os tratados de paz com Castela, no reinado de D. João I, Portugal enfrenta novos desafios. Há uma vontade de aumentar o território, mas o resto da Península Ibérica, com a exceção de Granada, está ocupada por reinos cristãos com os quais Portugal tem boas relações. A nossa situação geográfica impele-nos para o mar. Somos os primeiros europeus a partir, à descoberta de novas terras, porque temos uma situação política estável. Mas também porque temos uma burguesia que ambiciona o comércio com novos mercados, que quer fazer concorrência às Repúblicas Italianas. Temos uma nobreza que quer guerra, jovens cavaleiros que querem ganhar os títulos e terras em batalha, não somente em torneios. Temos uma Igreja que ambiciona a cruzada, levar Cristo aos infiéis. E temos os conhecimentos náuticos suficientes para tal empresa.

3ª CENA

OS ESCRAVOS NEGROS

Ao longo da História da Humanidade, por questões políticas, económicas ou religiosas, os mais fortes dominam os mais fracos. Os escravos são comuns, também na Europa do século XV. A partir de 1444, de uma forma regular, os portugueses trazem da costa da África negra, homens, mulheres e crianças que são utilizados como escravos. Lagos é o primeiro porto europeu onde chega o primeiro grupo de escravos. Inicialmente, vistos como “produto exótico” e apenas acessíveis aos mais ricos, rapidamente se tornam desejados. Ao contrário de outros escravos da época, os negros são utilizados nos trabalhos mais duros, são facilmente cristianizados e, a cor da pele, diferente da maioria da população, torna fácil identificá-los e encontrá-los em caso de fuga. Este comércio espalha-se rapidamente, quer por outros países europeus, quer pelas novas zonas descobertas. Portugal, o primeiro país da Europa Moderna a trazer regularmente escravos negros, torna-se no século XVIII, no reinado de D. José, o primeiro país a ter medidas contra a escravatura.

A PIRATARIA

Os **piratas** e os corsários são um perigo, sobretudo, em toda a costa do Mediterrâneo. Os navegadores do século XV estão habituados a esta companhia inesperada, os barcos que cruzam as rotas mais usadas, carregados dos mais variados produtos, são um alvo para estes homens. Os piratas roubam tudo o que conseguem, em seu próprio proveito, tornando-se alguns deles lendas, conhecidos pelas suas conquistas e pelos seus comportamentos. Para além dos piratas, os mares são também assolados por corsários, que tomam de assalto os barcos carregados de produtos, mas uma parte do saque é entregue a um protector. Os corsários são comuns nesta época, o próprio Infante D. Henrique protege alguns destes homens que percorrem as águas portuguesas, sendo pagos para atacar as embarcações inimigas.

PIRATA

É um marginal que navega os mares, em busca de poder e riqueza, pilhando e saqueando embarcações e cidades.

A VIDA A BORDO

A bordo a vida é difícil. Trabalha-se na limpeza, na manutenção e na reparação da embarcação. Também se reza, joga-se às cartas e aos dados, embora os jogos sejam proibidos. A comida é racionada. Todos recebem as suas doses diárias de água, vinho, biscoitos, carne ou peixe secos, alguns vegetais e fruta, que só aguentam os primeiros dias da viagem. Recebem ainda azeite, queijo, mel, frutos secos, entre outros. Também há animais vivos: galinhas, bois, porcos, cabras, entre outros, que garantem alguma carne fresca. Não há cozinheiro a bordo, cada um cozinha para si, no porão do barco, se houver lenha. Por vezes têm que comer, tanto o peixe, como a carne, crus. Para dormir, procuram um lugar no convés onde possam passar a noite. Só o capitão tem lugar certo. A higiene é mínima. As necessidades são feitas borda fora. Vários utensílios são partilhados. As doenças são constantes e matam grande parte das tripulações. Febre, disenteria, escorbuto estão entre as mais frequentes. Os perigos são muitos: dos mitos sobre monstros, sereias e quedas de água, às correntes, ventos e tempestades, piratas e corsários.

4ª CENA

A CONQUISTA DE CEUTA

Uma expedição de mais de 200 embarcações deixa a costa portuguesa e dirige-se ao norte de África. Em Agosto de 1415 aproximam-se da cidade de Ceuta, importante centro de comércio, que controla a entrada e saída do Mediterrâneo e é sede de muitos piratas que assolam a costa portuguesa. Em poucas horas a cidade está tomada. Uma conquista militar que permite aos jovens príncipes, filhos de D. João I, serem armados cavaleiros. No entanto, com a tomada portuguesa, militar e cristã, muitos **mouros**, principalmente comerciantes, deixam a cidade. A rota comercial muda, beneficiando outras zonas do norte de África, só anos mais tarde, com a conquista de mais cidades, o tão esperado comércio fica mais acessível aos portugueses. Ceuta simboliza o começo da época dos Descobrimentos Portugueses.

MOUROS

Nome pelo qual são conhecidos alguns povos do norte de África, que habitam as zonas de Marrocos, Argélia, Mauritânia e Saara Ocidental. Grande parte converte-se ao Islão e participam na conquista islâmica da Península Ibérica.

5ª CENA

A CONQUISTA DE TÂNGER

Depois da conquista de Ceuta, e tendo os Descobrimentos portugueses também um cariz de cruzada, onde cristãos lutam contra mouros de fé islâmica, há uma tentativa de conquista de outras cidades no norte de África, construindo uma presença portuguesa em Marrocos. Ainda no tempo do Infante D. Henrique é feita uma tentativa para conquistar Tânger, mas só o seu sobrinho, **D. Afonso V** vai tornar real essa pretensão. Em 1458, com a presença de D. Henrique, conquista Alcácer-Ceguer, em 1471 Arzila e

nesse mesmo ano, finalmente, Tânger. Outras cidades são conquistadas e até construídas. Algumas famílias, assim como engenheiros e arquitectos portugueses vão para Marrocos construir igrejas e fortalezas que ainda hoje, séculos depois, mostram essa presença portuguesa no norte de África. D. Afonso V aumenta o seu título e passa a chamar-se “Rei de Portugal e dos Algarves d’Aquém e d’Além Mar”.

D. AFONSO V

Nasce em Sintra (Portugal) em 1432 e morre em Sintra (Portugal) em 1481. É 12º rei de Portugal, cognominado “O Africano”. Filho de D. Duarte, torna-se rei com apenas 6 anos. O período de regência é ocupado por sua mãe e pelo tio D. Pedro. A partir de 1448 assume o governo. Deixando o comércio e navegação da costa a um particular, concentra-se na conquista de várias cidades no norte de África.

6ª CENA

A PASSAGEM DO CABO BOJADOR

Outra vertente dos Descobrimentos é a navegação atlântica, descobrindo novos territórios, quer ilhas, quer zonas mais a sul no Continente africano. Em 1418/19 os navegadores João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz Teixeira reconhecem o arquipélago da Madeira e em 1427 Diogo de Silves chega aos Açores. Disputam-se as Canárias com Castela e tenta-se chegar a territórios mais a sul, percorrendo a costa de África. O cabo Bojador, no sul de Marrocos, tido por muitos como o fim da zona navegável, onde o mar cai como uma cascata pelos rochedos, e todos os barcos desaparecem. A zona do Bojador é realmente difícil de navegar, com baixios e ventos fortes que mudam de direcção rapidamente, o que provoca naufrágios e cria mitos e lendas. Passar o Bojador não é fácil. Vários o tentam, mas quem o dobra é **Gil Eanes**, navegador da Casa do Infante, nascido em Lagos. É à 13ª tentativa que o consegue, e para provar o seu feito traz consigo umas plantas da zona do Bojador, que oferece ao Infante e às quais é dado o nome de rosas de Santa Maria.

GIL EANES

Nasce em Lagos (Portugal) no séc. XV, pouco se conhece sobre a sua biografia. Navegador da Casa do Infante, é escudeiro do Infante D. Henrique. É o primeiro a realizar a viagem que passou o Cabo Bojador em 1434, provando que é possível continuar as viagens no Atlântico.

7ª CENA

A PASSAGEM DO CABO DA BOA ESPERANÇA

Passado o Cabo Bojador as viagens prosseguem para sul. Conquista-se a Guiné, descobre-se Cabo Verde, chega-se à Serra Leoa, à costa do Ouro, constrói-se a fortaleza de S. Jorge da Mina, chega-se à foz do Zaire e mais a sul. Produtos destas regiões abastecem Portugal e os mercados europeus. Ouro, malaguetas, peles de foca, cocos, marfim, aves raras, mas também escravos negros passam a fazer parte dos bens

comercializados. Mas o desejo do rei de Portugal, D. João II, é chegar à fonte do comércio do Oriente e para isso há que passar ainda mais a sul. Um novo cabo marca o fim da travessia. Novamente as lendas dizem que por aquela zona não é possível passar, o gigante Adamastor controla a passagem. Lutando contra as intempéries e as crenças **Bartolomeu Dias** domina o “monstro”, provando a ligação entre o Atlântico e o Índico. Em 1488 passa o cabo, mas as tempestades são tantas e tão fortes que o chama de Cabo das Tormentas. No regresso, o rei, sonhando já com o comércio do Oriente, dá-lhe o nome de Cabo da Boa Esperança. É a chave que abre o caminho para as riquezas das Índias.

BARTOLOMEU DIAS

Desconhece-se onde e quando nasce, morre ao largo do Cabo da Boa Esperança (África do Sul) em 1500. Marinheiro experiente, é o primeiro a passar o Cabo das Tormentas, como o chama, em 1488. Acompanha parte da viagem de Vasco da Gama e também de Pedro Álvares Cabral.

8ª CENA

CHEGADA ÀS CARAÍBAS (ANTILHAS)

Nem só Portugal se aventura pelo mundo desconhecido. Castela, mais tarde Espanha, torna-se o primeiro competidor na questão das viagens marítimas. Várias viagens são realizadas, sobretudo ao nível da costa de África e das ilhas Canárias que sempre foram reclamadas pelos espanhóis e confirmadas pelo Papa. Com o final do século XV e com a conquista do último reino muçulmano na Península Ibérica, a nova Espanha começa a sonhar com outros destinos. O navegador **Cristovão Colombo** é o protagonista de uma nova era. Casado com uma portuguesa, habitante, por algum tempo, da ilha de Porto Santo, desenvolve um projecto de chegar às Índias navegando para ocidente. Apresenta esta ideia ao rei de Portugal, D. João II, que a recusa, uma vez que este já sabe como passar do Atlântico para o Índico. Não tendo o apoio português vai para Espanha, onde se encontra com os reis Católicos, Fernando e Isabel, e deles consegue apoio para 3 embarcações. A viagem é longa, cheia de perigos não chegando às Índias, mas sim a umas ilhas que irão ser chamadas de Antilhas. No regresso passa pelos Açores, para reparar os barcos, e volta com a sua caravela a Lisboa. Depois de se encontrar com o rei de Portugal, D. João II, seguiu para Sevilha, para dar conta aos reis Católicos do seu descobrimento.

CRISTÓVÃO COLOMBO

Não existe consenso relativamente à sua nacionalidade, provavelmente nasce em Génova (Itália) em 1451, embora alguns historiadores defendam que terá nascido em Cuba, Alentejo (Portugal), e morre em Valladolid (Espanha) em 1506. Navegador e explorador que lidera a frota que chega em 1492 ao continente americano. Atravessa o Oceano Atlântico com o objectivo de chegar à Índia, tendo na realidade chegado às Antilhas.

9ª CENA

A IMPORTÂNCIA DA IGREJA NOS DESCOBRIMENTOS

As disputas, entre Portugal e Castela, sobre a soberania e os direitos de alguns territórios, têm várias vezes a intervenção do Papa, figura de destaque no mundo medieval/renascentista. Desde os tempos do Infante D. Henrique que as disputas sobre as Canárias são sistemáticas, nunca aceitando o Infante o domínio castelhano sobre as ilhas, apesar da decisão do Papa. Outras zonas do comércio africano são motivo de disputa. Após a chegada de Colombo às Antilhas, Portugal reclama a posse dos territórios, argumentando que estão em zona portuguesa. O **Papa Alexandre VI** emite 3 bulas, conhecidas como *alexandrinas*, tentando resolver esta situação. Uma delas, a *Bula Inter Coetera* de 1493, divide o Mundo em duas partes, tendo o Meridiano a 100 léguas a ocidente de Cabo Verde como referência. Portugal não concordando com esta divisão reclama, tendo os diplomatas dos dois países encontrado uma solução.

PAPA ALEXANDRE VI

Nasce em Xátiva (Espanha) em 1431 e morre em Roma (Itália) em 1503. É o 214º Papa da Igreja Católica. Rodrigo Borgia é sobrinho de outro papa (Calisto III), conhecido pela vida libertina, pai de pelo menos 4 filhos. Estuda em Roma, tendo obtido um grau universitário em Leis, na Universidade de Bolonha. O seu papado, considerado por muitos como o pior de todos, é exercido entre 1492 e 1503, quando o papa morre de sífilis. Protector das artes, bom diplomata, escreve as Bulas que originam o Tratado de Tordesilhas.

10ª CENA

O TRATADO DE TORDESILHAS

A Bula *Inter Coetera* que o Papa Alexandre VI propõe em 1493, visa resolver os constantes problemas entre Portugal e Castela, dividindo o mundo pelo meridiano 100 léguas a Oeste de Cabo Verde. Os diplomatas portugueses, seguindo as ordens do rei D. João II, trabalham para que o meridiano utilizado seja localizado mais a Ocidente. A versão final, aceite por ambos os monarcas e assinada em 1494 em Tordesilhas, usa o meridiano 370 léguas a Oeste da ilha de Santo Antão, em Cabo Verde, como referência para as terras descobertas ou a descobrir. Os territórios a Oeste do meridiano pertencem a Castela, a Este a Portugal. A insistência portuguesa em alterar o meridiano, sugere que já haveria conhecimento dos territórios que fazem parte da América do Sul. Efectivamente, quando anos mais tarde, o Brasil é reclamado como descoberta portuguesa, este território está, maioritariamente, na zona portuguesa do Tratado, mas este nem sempre é bem interpretado. A zona do antemeridiano é difícil de definir e novas disputas entre ambos os países levam a outros tratados.

O REINADO DE D. JOÃO II

D. João II, desde jovem habituado a acompanhar o seu pai, D. Afonso V, é o rei que inicia uma nova etapa dos Descobrimientos Portugueses. Sendo um governante forte,

organiza o reino e prepara as grandes viagens atlânticas, que irão chegar sempre mais a sul, procurando a ligação com o Índico, a passagem para as riquezas das Índias, negociando as várias riquezas da costa de África, incluindo o ouro. Envia emissários por terra em busca de informações e deixa o nome de Portugal nessas paragens com a colocação de padrões – colunas de pedra com o escudo de Portugal e a cruz de Cristo. Não autoriza a viagem de Colombo para ocidente, por razões ainda não totalmente explicadas. Os seus barcos passam o Cabo a que dá o nome de *Boa Esperança*, prepara as viagens à Índia, mas não as vive. Pela sua personalidade e tenacidade, pela forma como governa e se opõe às vontades de Castela, Isabel, a Católica chama-o “El Hombre”. Em Portugal fica conhecido como o “Príncipe Perfeito”.

D. JOÃO II

Nasce em Lisboa (Portugal) em 1455 e morre em Alvor (Portugal) em 1495. É o 13º rei de Portugal. É armado cavaleiro na tomada de Arzila. Sucede ao seu pai após a sua abdicação em 1477, mas só ascende ao trono após a sua morte, em 1481. Ainda príncipe toma a seu cargo as viagens pela costa africana e após tornar-se rei concentra em si o poder. No seu reinado é assinado o Tratado de Tordesilhas e são preparadas as grandes viagens. É considerado por muitos, o melhor rei de Portugal.

11ª CENA

A CHEGADA À ÍNDIA

Após a travessia pelo sul de África, o objectivo é a chegada à Índia, o grande centro de comércio de vários produtos muito desejados na Europa – ouro, marfim, sedas e brocados, mas sobretudo, especiarias. Uma armada sai de Lisboa com destino a Oriente, comandada por **Vasco da Gama**, chegando a Calecute (Índia) em Maio de 1498, quase um ano após a partida. A viagem serve também como reconhecimento da costa oriental africana. Ao chegar, Vasco da Gama, em nome do rei de Portugal, D. Manuel I, encontra-se com o mais importante representante local. O **Samorim**, título do governador da região, recebe os presentes enviados de Portugal. Em várias zonas da Índia, mas também do Golfo Pérsico e do Mar Vermelho, a presença portuguesa cresce, iniciando-se a tão esperada rota comercial ligando, por mar, Europa e Ásia. Uma rota mais rápida, que traz mais riquezas a Portugal e que se chamará “Rota do Cabo”, por ligar os dois continentes através da navegação do cabo mais ao sul de África.

VASCO DA GAMA

Nasce em Sines (Portugal) em 1460 e morre em Cochim (Índia) em 1524. Navegador com experiência em navegações perto da costa portuguesa, que descobre o Caminho Marítimo para a Índia (1497 – 98), faz três viagens ao continente asiático. Recebe várias honrarias como recompensa pelas viagens.

SAMORIM

Samutiri Manavikraman Rajá, título usado pelos soberanos do Estado de Calecute (hoje situado na zona de Kerala), nos séculos XIV a XVIII. É o Samorim que recebe Vasco da Gama quando a armada portuguesa chega à Índia.

O IMPÉRIO PORTUGUÊS DO ORIENTE

Durante os primeiros cem anos de expansão marítima, Portugal constrói um império que abrange quatro continentes. Este império, é constituído por um conjunto de portos e feitorias, em territórios de reis aliados (ou dominados), e cujo o principal objectivo é o controle de circuitos comerciais.

Até este período, a coroa portuguesa não desenvolve uma política de conquista territorial, controlando sobretudo o interior dos seus espaços amuralhados. **Afonso de Albuquerque** propõem ao rei D. Manuel I, a formação de um império português no oriente, apostando na conquista de cidades estratégicas como Omã e Ormuz.

Após a sua nomeação como governador da Índia, no final de 1508 (cargo que ocupa de 1509 a 1515), conquista Goa (tornada capital do Império Português da Índia) e Malaca, sendo esta última um dos locais mais estratégicos do mundo devido ao lucrativo comércio, sobretudo, das especiarias. Mais tarde, envia de Malaca uma frota que explora as ilhas Molucas, acabando por descobrir Timor. Pela mesma altura, Portugal estende as suas relações comerciais à China e ao Japão.

A vontade de **Afonso de Albuquerque**, é a de tornar Portugal numa potência asiática, passando assim a controlar, no século XVI, rotas comerciais que vão do Golfo Pérsico aos Mares da China e do Japão. Percebendo que Portugal não tem população para tão vasto império, encoraja a criação de uma sociedade luso-asiática, através do casamento de mulheres asiáticas com marinheiros e soldados portugueses. Os mestiços nascidos destas uniões acabam por se tornar pessoas muito influentes, já que têm a capacidade de comunicar com diferentes comunidades.

AFONSO DE ALBUQUERQUE

Nasce em Alhandra (Portugal) em 1453 e morre em Goa (Índia) em 1515. É o 2º governador da Índia Portuguesa. De entre os heróis portugueses no Oriente, destaca-se como um dos maiores génios militares e administrativos e cujos feitos se tornam lendários em todo o mundo. De família aristocrática, é educado na corte de D. Afonso V. Em 1476 acompanha o futuro rei D. João II nas guerras com Castela. Cognominado O Grande, o César do Oriente, o Leão dos Mares, o Terrível e o Marte Português, pode afirmar-se ter sido ele o criador do Império Português no Oriente. É o segundo europeu, depois de Alexandre, o Grande, a fundar uma cidade na Ásia.

O REINADO DE D. MANUEL I

D. João II sonhou e preparou, mas não viveu as grandes viagens. É o seu cunhado e primo, **D. Manuel I**, que lhe sucede no trono, que as vive e que delas tira proveito. Duque de Beja, D. Manuel chega ao trono por morte do único herdeiro de D. João e por influência da sua irmã, a rainha. D. Manuel é um reformador, atribui novas Cartas de Foral a várias vilas e cidades, o que permite uma reorganização do território. É o rei que

vive a riqueza e o fausto, que as viagens e comércio com o Oriente permitem. Constrói grandes monumentos, emblemáticos do seu tempo, como o Mosteiro dos Jerónimos ou a Torre de Belém. Neste período a utilização de elementos que representam estilos artísticos diferentes – gótico, renascimento, árabe, assim como formas relacionadas com as viagens e a navegação, dão origem a um estilo único, representativo da época – o Manuelino. O rei vive em grande e quer que outros o reconheçam, a embaixada enviada ao Papa Leão X é um momento de exotismo, força e riqueza.

D. MANUEL I

Nasce em Alcochete (Portugal) em 1469 e morre em Lisboa (Portugal) em 1521. É 14º rei de Portugal. Sucede no trono ao seu primo e cunhado, D. João II. Continua a política das grandes viagens das descobertas, chegando à Índia, ao Brasil e às especiarias. Grande patrono das artes, toma o título de “Rei de Portugal e dos Algarves, D’Aquém e D’Além Mar em África, Senhor do Comércio, da Conquista e da Navegação da Arábia, Pérsia e Índia”.

12ª CENA

A DESCOBERTA DO BRASIL

Vasco da Gama chega à Índia, mas outras expedições se seguirão. Em 1500, o rei, D. Manuel I, envia um fidalgo da sua confiança, bom diplomata, para desenvolver as relações comerciais com o Samorim. **Pedro Álvares Cabral** comanda uma expedição de 13 embarcações que, ao afastarem-se da costa africana, para fugir aos ventos da zona abaixo do equador, fazem um desvio grande demais acabando por descobrir novos territórios. Em Abril de 1500 aportam a novas terras, com gentes, plantas e animais diferentes, tal como consta na “Carta de Achamento” que o escrivão de bordo, Pêro Vaz de Caminha, envia ao rei. A terra é chamada de Vera Cruz, mais tarde de Brasil devido às ricas madeiras de pau-brasil. Depois de reconhecer o novo território a expedição volta ao seu rumo original, a Índia, embora um barco regresse a Portugal para dar conta da descoberta. Com a Rota do Cabo a fornecer cada vez mais riqueza a Portugal, o Brasil só vai ser plenamente explorado a partir dos finais do século XVII. O homem que comanda a frota, que descobre este grande território, tem um final infeliz. O resto da viagem não corre como planeado, há um grande massacre de portugueses na Índia e Cabral não volta a comandar mais nenhuma expedição.

PEDRO ÁLVARES CABRAL

Nasce em Belmonte (Portugal) em 1467 e morre em Santarém (Portugal) em 1520. É fidalgo, comandante militar, navegador e explorador português, a quem D. Manuel I confia o comando da segunda armada que manda à Índia. Em 1500 desembarca na Terra de Vera Cruz, mais tarde denominado Brasil, explorando o seu litoral, para depois prosseguir na viagem rumo à Índia.

A CARTA DO ACHAMENTO DO BRASIL

Esta carta é escrita por Pêro Vaz de Caminha, escrivão da Armada de Pedro Álvares Cabral. Nela o autor conta os pormenores da viagem, da chegada à nova terra, as suas gentes, as plantas e os animais, assim como a primeira Missa, tornando-se num importante documento que faz parte do programa “Memória do Mundo”, da UNESCO.

A PRIMEIRA MISSA

26 de Abril de 1500, Praia da Coroa Vermelha, sul da Baía. Frei Henrique de Coimbra celebra a primeira missa na nova Terra de Vera Cruz, nome dado inicialmente ao Brasil. Nela participam todos os capitães da Armada. Alguns índios assistem e no final da celebração religiosa, estes cantam e dançam.

13ª CENA

À VOLTA DO MUNDO

Entre 1506 e 1513 **Fernão de Magalhães** faz parte de várias expedições à Índia. Tendo seguido depois para Marrocos, é acusado de comercializar ilegalmente e a partir de 1514 tem dificuldades em encontrar emprego a bordo. Dedicar-se ao estudo dos mapas da época, interessa-se pela questão das Molucas, ilhas do Indico disputadas entre Portugal e Espanha, que o Tratado de Tordesilhas não consegue determinar a posse. Em conflito com D. Manuel I, segue para Sevilha e apresenta a Carlos V, a proposta para uma viagem de verificação, da localização das Ilhas Molucas, defendendo que pertencem a Espanha. Navega para ocidente, depois para sul, atravessa a passagem que hoje tem o seu nome, *Estreito de Magalhães*, percorre o oceano a que chamou *Pacífico*, localizando as ilhas. Em 1521 é morto por nativos nas Filipinas. O regresso é comandado por Juan Sebastian Elcano, que em 1522, três anos depois da partida, chega a Sevilha com apenas um barco. É a primeira viagem de circum-navegação do globo terrestre, que na altura pouca importância tem e a tripulação não chega a ser paga.

FERNÃO DE MAGALHÃES

Nasce em Sabrosa (Portugal) em 1480 e morre em Cebu (Filipinas) em 1521. Navegador português que organiza a primeira viagem de circum-navegação do globo, de 1519 a 1522, a favor do rei de Espanha.

14ª CENA

A CHEGADA À CHINA

Chegar à Índia é um objectivo, mas toda a Ásia é uma nova oportunidade para os navegadores e comerciantes portugueses. Do Mar Vermelho ao Golfo Pérsico, de Malaca ao Reino do Sião, várias são as terras onde os portugueses chegam. As histórias de Marco Polo podem agora ser comprovadas por outros europeus. Em 1513 os portugueses chegam à China, iniciando-se o contacto com gentes de costumes e

semblantes diferentes, nem sempre sendo fácil compreender a organização destas sociedades controladas pelo **Mandarim**. Os jesuítas vêem neste enorme país uma oportunidade de evangelização, mas a sua presença, por vezes, vem dificultar o comércio. Em meados do século XVI os portugueses são presença regular na China e como recompensa pela ajuda na luta contra a pirataria, a China oferece a Portugal a ilha de Macau, que mantém soberania portuguesa até Dezembro de 1999.

MANDARIM

Nome dado a um alto funcionário, civil ou militar, é uma figura incontornável, pois controla a administração do estado, das actividades reais, zelando pela justiça e segurança da sociedade.

A CHEGADA AO JAPÃO

Nas suas viagens, Marco Polo falara de umas ilhas chamadas Cipango. No entanto, os primeiros europeus a chegar a estas ilhas são os portugueses. Em 1543, levados por uma tempestade, três portugueses chegam à ilha de Tanegashima. Depois destes, muitos outros se seguem. O Japão vive num sistema fechado, com poucos contactos com o exterior, as novidades trazidas pelos portugueses são bem recebidas e prontamente adaptadas à vida local. Uma das inovações são as armas de fogo, que os japoneses começam a utilizar nas suas guerras. O cristianismo é introduzido, mas nos finais do século XVI, com a unificação do país, vários cristãos são queimados e a religião é proibida. As influências são grandes em ambos os povos. Desenvolve-se a arte *nanban jin*, expressão que significa “bárbaros do sul”, pois os japoneses requintados, cultos, higiénicos acham os portugueses bárbaros. Os portugueses controlam o comércio com o exterior até ao início do século XVII, quando a Holanda ameaça o monopólio. Um dos primeiros portugueses a chegar ao Japão é o navegador e explorador **Fernão Mendes Pinto**.

FERNÃO MENDES PINTO

Nasce em Montemor-o-Velho (Portugal) provavelmente em 1510 e morre em Almada (Portugal) em 1583. É um dos primeiros portugueses a chegar ao Japão. Descreve as suas viagens por vários países do Oriente num livro chamado “Peregrinação”, publicado 30 anos após a sua morte. A riqueza dos pormenores e o exotismo das descrições leva a que muitos duvidem da sua autenticidade, sendo hoje uma importante obra da literatura portuguesa.

ARTE NAMBAN

Os japoneses chamam aos portugueses, os primeiros europeus que chegam ao Japão, “*nanban jin*” - bárbaros do sul. Um novo tipo de arte desenvolve-se, mostrando os contrastes entre Oriente e Ocidente, onde os portugueses e os seus costumes são caricaturados. As formas mais representativas desta arte são *biombos* ricamente decorados.

15ª CENA

O PRINCIPIO DO FIM

Em Lagos, o rei D. João I dá início à época dos Descobrimentos, quando parte em 1415 para a conquista de Ceuta. Nesta cidade, o seu filho, o Infante D. Henrique, tem o principal porto para as viagens e para o comércio no Atlântico. É também de Lagos, que parte o rei que viria a desaparecer em África, terminando a época de ouro de Portugal.

D. Sebastião é desejado antes de nascer. O seu pai morre antes do seu nascimento e o seu avô morre também, poucos anos depois. Ainda em criança D. Sebastião é rei e a avó assume a regência em seu nome. O jovem rei sonha com um império em África, à semelhança de D. Afonso V. Quando toma efectivamente o poder, os seus sonhos tornam-se ainda mais fortes. Aos 24 anos parte com um exército para o norte de África, mas no campo de batalha os árabes são mais fortes e o exército português é aniquilado. Muitos morrem, outros são aprisionados e grande parte da nobreza portuguesa desaparece. Ninguém sabe do rei e como não existem herdeiros diretos, o trono fica em risco, assim como o Império. Dois anos depois, o país é unificado com Espanha por um período de 60 anos. Os portugueses tristes com a situação, saudosos da sua independência acreditam que o rei está vivo e que voltará para os libertar. Nasce então a lenda: D. Sebastião há-de regressar numa manhã de nevoeiro para dar esperança a Portugal.

D. SEBASTIÃO

Nasce em Lisboa (Portugal) em 1554 e morre em Alcácer-Quibir (Marrocos) em 1578. É o 16º Rei de Portugal, cognominado “o desejado”, neto de D. João III. Herda o trono com apenas 3 anos. Ao assumir a governação mostra grande fervor religioso e militar. Em 1578, organiza uma campanha militar no norte de África, onde grande parte da nobreza portuguesa morre, o rei desaparece e dois anos depois o país perde a independência.

16ª CENA

LUÍS VAZ DE CAMÕES

As grandes epopeias têm sempre alguém que as conte. No século XVI vive em Portugal um escritor e poeta que ainda hoje se afigura como o representante primeiro da língua portuguesa, o homem que canta ao mundo os feitos dos seus conterrâneos. **Luís Vaz de Camões** é um fidalgo de baixa nobreza, que estuda em Coimbra, frequenta o Paço Real em Lisboa e por amor vai, como militar para Ceuta. Aqui, é ferido em combate e perde um olho. Regressa a Lisboa continuando a vida boémia. Pouco depois alista-se e parte para a Índia. Fica no Oriente quase 20 anos, vivendo em Goa e, em Macau onde, diz a lenda escreve grande parte da sua principal obra – “Os Lusíadas”. Regressa a Portugal, passando por Moçambique. Quando finalmente termina a sua obra-prima, apresenta-a ao rei D. Sebastião. Este manda que se publique a obra e atribui uma pequena pensão ao poeta, nem sempre paga regularmente, o que faz com que Camões viva em grandes dificuldades nos últimos dias da sua vida. Quando o rei desaparece, no norte de África, Camões apercebe-se das implicações políticas de um trono sem herdeiro à mercê do domínio espanhol. Pouco tempo depois Camões adoece de peste, morrendo em 10 de

Junho de 1580, “Ao menos morro com a Pátria” diz-se que terá sido uma das suas últimas frases. O dia da sua morte é hoje o dia em que se celebra Portugal, o poeta e os portugueses que vivem espalhados pelo mundo, sendo feriado nacional.

Nasce provavelmente em Lisboa (Portugal) em 1524 e morre em Lisboa (Portugal) em 1580. Grande Poeta português do séc. XVI que descreve as viagens da epopeia dos Descobrimentos Portugueses. Camões é considerado uma das maiores figuras da literatura em língua portuguesa e um dos grandes poetas do Ocidente.

A LÍNGUA PORTUGUESA

O testamento do rei D. Afonso II, em 1214, é considerado o primeiro documento em língua portuguesa. Na Língua Portuguesa a maior influência é o Latim. Outras influências podem ser encontradas, de línguas e dialectos falados quer antes, quer depois da presença romana na Península Ibérica. A segunda maior influência é o Árabe. Cerca de 1200 palavras de origem árabe continuam a fazer parte do português actual. Com os Descobrimentos Portugueses a língua espalha-se pelo mundo, tem novas influências e influencia outras regiões. Ainda hoje existem dialectos na Ásia e em África com origem na Língua Portuguesa. Várias palavras japonesas têm origem no idioma português. O primeiro contrato comercial entre o Japão e os Países Baixos foi escrito em português. É uma das línguas mais utilizadas do mundo, falada por mais de 240 milhões de pessoas. É a língua oficial de oito países. Para além de Portugal, é ainda falada em Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor Leste.